

# FERREIRA DE CASTRO

A CURVA  
DA ESTRADA



cavalos de ferro

## SOBRE FERREIRA DE CASTRO

**Guedes de Amorim:** «uma absoluta superioridade sobre todos os nomes da sua geração», in *Jornal de Notícias*

**M. Rodrigues Lapa:** «um dos nossos mais elegantes prosadores», in *Estilística da Língua Portuguesa*

**Óscar Lopes:** «Ferreira de Castro foi o primeiro grande romancista português deste século que se determinou por problemas objectivos e não apenas por impulsos íntimos», in *O Comércio do Porto*

**Jorge Amado:** «Com a arma da literatura ajudou a transformar o mundo. Foi verdadeiro escritor de nossa época, sendo, como queria Gorki, ao mesmo tempo coveiro e parteiro, coveiro de um mundo caduco, de um tempo podre, parteiro de um mundo novo, de um tempo alegre e livre», in *Diário de Lisboa*

**Agustina Bessa-Luís:** «A obra de Ferreira de Castro é como a dum filósofo pastoral: vive da resistência que faz às desgraças do seu século», in *Memoriam de Ferreira de Castro*

**José Rodrigues Miguéis:** «Assentes na experiência pessoal do autor, sobressaem a funda humanidade e a capacidade evocativa, que uma linguagem plástica essencialmente sublinha», in *Memoriam de Ferreira de Castro*

**Fernando Namora:** «se houve escritor que mostrou quanto a libertação intelectual é indissolúvel da libertação social e por esta se bate, se houve, em suma, escritor “humanista”, esse foi Ferreira de Castro», in *Memoriam de Ferreira de Castro*

## SOBRE A CURVA DA ESTRADA

**Eugénio Lisboa:** «Soriano, o velho e respeitado socialista do romance, é um dos vários personagens criados pelo autor de *A Selva* que dão à obra deste uma dilacerante componente de sondagem existencial de tonalidade trágica», in «O crepúsculo da vida (A propósito de *A Curva da Estrada*)», *Indícios de Oiro* (2009)

**Helena Silveira:** «[Ferreira de Castro] é um exemplo aos sofistas das letras e da política. Idéias não são abstrações pôsto que fazem viver e morrer.» Nota de apresentação à edição brasileira de *A Curva da Estrada*, São Paulo, 1960

**Jaime Brasil:** «Como do simples tema dum político que quer “virar a casaca” foi possível esta obra, densa de conteúdo humano, de sócio-crítica e das mais nobres ideias de regeneração – eis o que denuncia a garra do grande romancista», in *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 1950

**José Fernando Tavares:** «*A Curva da Estrada* apresenta-nos um problema que diz exclusivamente respeito a uma metafísica da moral», in *Folhas – Letras & Outros Ofícios* #3, Aveiro, 1998

**Mário Dionísio:** «Eis o autor senhor da sua criação, sem perder um minuto de vista do fio da acção, resistindo a todas as tentativas que saem dele, sabendo dar a cada personagem, a cada pormenor, a cada verdade individual a atenção devida, mas não mais que a atenção devida, e mostrando-se exímio, enfim, em coser todas as peças com uma agulha experiente que permanece invisível», in *Vértice*, vol. X-n.º 89, Coimbra, 1951

## PÓRTICO

*Foi numa peça de teatro, pobre massa embrionária, que colocámos pela primeira vez, tínhamos nós vinte e dois anos, a interrogação que constitui a trave mestra deste livro. Em França, em 1848, um homem, que havia sido republicano durante a Monarquia, tomara-se monárquico logo que a Segunda República alvorecera e disparara a combater esta e a defender aquela com os mesmos ardorosos modos com que antes fazia o inverso.*

*Não chegámos a rematar o último acto, porque outra peça, escrita anteriormente, nossa frágil asa de esperança, classificada muito embora num concurso, não conseguira céu aberto para voar. A juventude que então arvorávamos não convencia ninguém e uma timidez desprotegida impedia-nos todos os passos em direcção aos empresários.*

*O papel escrito desceu para a gaveta e o tempo continuou a sua rota.*

*Em 1931, quando a República ocupou o trono de Espanha, várias artes e mutações ali operadas fizeram-nos pensar de novo na velha peça inacabada. Mas nessa época já se havia desvanecido o nosso interesse juvenil pelas fulgurâncias dos tabladros.*

*Um dia, porém, o correio trouxe-nos uma carta. Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro pediam-nos uma peça para o Teatro Nacional, que eles, então, dirigiam. Sem o saber, reparavam*

*um velho sonho perdido, uma melancolia longínqua, pois fora justamente a um concurso aberto por aquele teatro, quando era outra a sua direção, que tínhamos enviado uma peça no amanhecer da nossa vida literária – uma peça que não fora representada.*

*Agradecemos o convite, mas não o aceitámos. Aqueles notáveis artistas insistiram, contudo, no seu desejo; e, por mor deles, tornámos a debruçar-nos sobre os amarelecidos papéis. Foi um momento apenas, pois logo volvemos a fechá-los na gaveta – e desta vez para sempre.*

*Vistos muitos anos depois, a outra luz literária, nenhum desses balbucios teatrais nos agradara. Mas pareceu-nos que com a segunda peça se conseguiria pôr em movimento um romance e isso dar-nos-ia mais largueza do que um palco, pois o romance é uma carroça mágica, onde se pode carregar livremente, ligadas apenas por um fio, todas as léguas do Infinito, todos os minutos da Eternidade, o visível e o invisível, o palpável e o impalpável, as coisas mais dispare, de todas as formas, de todas as cores, de todas as dimensões e de todas as profundidades. Escrevemos ainda três ou quatro capítulos, três ou quatro feixes de sondas e de alicerces; depois, outros trabalhos nos reclamaram e os caboucos ficaram ali.*

*Desde então, porém, raro ano se esgotou sem que a pergunta inicial não encontrasse razão para se formular de novo. Homens de várias raças, cujas responsabilidades chegavam a confundir-se, ao sol largo e confiante de outros homens, com as próprias ideias que eles diziam defender, entregavam-se, de um momento para o outro, a surpreendentes metamorfoses. E das novas e inseguras tribunas que desatavam a utilizar, dos jornais onde passavam a escrever e até dos livros que alguns deles publicavam, vinha o ruído que essas crisálidas, ansiosas de que o mundo se habituasse a vê-las num outro estado, produziam na sua transfiguração.*

*De cada vez que isso acontecia, a nossa velha pergunta voltava a estremecer dentro da escura gaveta onde a havíamos deixado. Um Verão, porém, estando nós em Pont-Aven, em cujos sortílegos caminhos deambula ainda a lembrança de Gauguin, pensámos que os céus da Bretanha, tão famosos pela sua instabilidade, talvez pudessem auxiliar-nos a encontrar uma resposta para essa mutabilidade mais grave que é a de certos homens – de certos homens que, metendo a ínvios atalhos negras calamidades psíquicas, acabam repudiando a si próprios. E concluímos, então, este pequeno livro.*

## I

Encontravam-se os três à mesa de jantar e o velho relógio de pêndulo marcava onze horas menos um quarto. Mercedes mostrava-se impaciente.

— Ramona! — gritou. — Então o café? — E dirigindo-se ao irmão e ao sobrinho: — Esta mulher está cada vez pior!

Ouviam-se já os passos da criada no corredor e, logo que ela entrou na sala, Mercedes censurou-a:

— Por mais que eu repita, há-de ser sempre isto! A comida nunca está pronta a horas! Jantamos sempre tarde.

Ramona não se justificou, mas, pelos seus modos, Soriano compreendeu que ela resmungava por dentro. E parecia que o silêncio e a imobilidade de Paco apoiavam e aumentavam a razão de Mercedes.

— Em Espanha janta-se sempre tarde de mais — disse Soriano, em tom conciliador, assim que a criada saiu, depois de ter servido o café. — É um horário absurdo o nosso. Quando estive emigrado em França e na Bélgica, é que dei conta disso. Nós desalinhamos a digestão da Europa, pois no momento em que os Espanhóis começam a encher o estômago já os outros povos estão a esvaziar o deles... Em Espanha, não só se come tarde, mas também se come demasiado. Provavelmente, o nosso carácter violento deve-se, em grande parte, ao excessivo trabalho que damos ao figado... E é ver as nossas mulheres...

Tão bonitas, tão sedutoras antes dos trinta anos! Mas, depois dos trinta, porque jantam tarde e se deitam, quase todas, em seguida ao jantar, começam a exhibir umas ancas tão prósperas como se fossem mães de toda a Humanidade...

Ao ver a expressão da irmã, Soriano julgou adivinhar nela uma discordância que se continha por falta de tempo para discutir.

— Há muitas excepções, é claro, e tu és uma delas... — acrescentou ele, a sorrir.

— Não é isso o que me importa — interrompeu Mercedes, pousando a chávena. — O que me importa e irrita é essa mania que tu tens de achar bom tudo quanto é estrangeiro e mau tudo quanto é espanhol. Mas não me admira nada; mesmo nada; todos os teus correligionários são assim...

Soriano contemplava-a com esse sorriso complacente e irónico de quem não está disposto a melindrar-se. Ela levantou-se da mesa e caminhou apressadamente para o seu quarto.

Soriano e o filho ergueram-se também. O taque-taque do relógio parecia mais nítido, mais corajoso, à medida que o iam deixando sozinho. Os dois detiveram-se no corredor. Paco comentava os numerosos palacetes que estavam a ser construídos em San Rafael, para elementos do Partido Radical.

Soriano ouvia, com interesse, o filho, enquanto utilizava a língua como um palito, ora empolando a face direita, ora a esquerda. Mas já Mercedes saía do quarto, sempre com movimentos apressados. Tinha avivado o pó-de-arroz e dado um jeito mais gracioso ao seu cabelo; no braço trazia uma pele de raposa.

— Vamos? — disse, dirigindo-se a Paco. E, aproximando-se mais, beijou Soriano na testa.

Nos últimos tempos esta cena tornara-se quotidiana, pois Mercedes e o sobrinho saíam juntos todas as noites, para o teatro, para o cinema, para casa de um e de outro amigo.

– Aonde é que vocês vão hoje? – perguntou ele, sem curiosidade.

– Vamos a casa de Ballesteros... – respondeu Mercedes.

– Ah, está bem.

– Queres alguma coisa para ele?

– Não. Nada. Que se divirtam...

De pé, no meio do corredor, Soriano viu Mercedes e Paco transporem a porta. Os dois tinham a mesma altura e, pela idade, mais pareciam irmãos do que tia e sobrinho.

Mercedes voltou atrás:

– Não queres, realmente, que eu lhe diga nada?

– Não, mulher! Que hás-de tu dizer-lhe?

Mercedes teve um quase imperceptível encolher de ombros e partiu. Soriano entrou vagarosamente no escritório. Era um espaçoso quadrilongo, onde ele, muitas vezes, recebia e reunia os seus correligionários socialistas. Antigamente, antes de ele ter enviuvado, a sala lembrava o ambiente proletário do começo da sua carreira, com fotografias de comícios emolduradas nas paredes e, sobre uma das velhas prateleiras cheias de livros, um busto de Pablo Iglésias, realizado por mãos de artista popular. Logo, porém, que a mulher falecera e Soriano convidara a irmã a vir para Madrid, viver com ele e governar-lhe a vida doméstica, a casa passara por completa transformação. Mercedes substituíra os velhos trastes por móveis modernos, comprara reposteiros e novas cortinas, mandara pintar, forrar e guarnecer todas as divisões. Sempre de nariz no ar e olhos investigadores ao lado dos operários, que a detestavam porque ela intervinha em todos os pormenores – olhe isto, olhe aquilo, assim não está bem, faça assim, faça assado – de tal forma se portara que, durante semanas e mais semanas, a vida tivera um incómodo sentido provisório no meio do movimento e da desordem em que tudo aquilo andava.

Soriano havia concordado em que a sua casa precisava de melhorias; ele próprio, há já algum tempo, sentia necessidade

de maior conforto; mas começara a queixar-se do muito dinheiro que a irmã despendia: mãos largas, tendência para o luxo, água numa peneira. Mercedes contestava:

– Parece impossível que não vejas as coisas! Um advogado, um chefe político como tu, viver numa casa como vivias! Eu, no teu lugar, até teria vergonha! Para se ser revolucionário não é preciso morar numa pocilga. Ou lá vocês, os socialistas, querem levar-nos a todos para a época das cavernas?

Paco, que se separara há pouco da mulher e viera também viver com ele, apoiava, com outros argumentos, as palavras da tia.

Uma voz longínqua, débil, como se saísse do centro de uma montanha e chegasse até Soriano filtrada pela terra, discordava, vagamente, do que a irmã e o filho lhe diziam. Mas ele transigia, em obediência a uma preguiça espiritual que, outrora, não tinha. E a sua discordância parecia vir mais de um «eu» antigo, que jazia dentro dele, apagado como um resíduo de carvão, do que do seu «eu» presente, daquele que nesse momento vivia.

Só reagira verdadeiramente no dia em que, tendo a irmã dado por concluída a renovação da casa, ele não vira no escritório o busto de Pablo Iglésias.

– Ora! – justificara-se Mercedes. – Já não se usa isso. E, demais a mais, feito de barro, que até parece comprado numa feira! Cheira a coisa ordinária que tresanda e até torna ridículo lá... lá o teu mestre.

Ele admitiu que ela tinha alguma razão, mas pensou que os seus correligionários que costumavam visitá-lo estranhariam a ausência do busto de Iglésias. E carregou sobre a sua vontade. Mas a irmã era, também, teimosa:

– Se ainda fosse de mármore ou de bronze! Mas, assim, até quebra a harmonia do conjunto! Foi por isso que o tirei...

Ele sabia que Mercedes detestava a memória de Iglésias. Sabia que ela odiava todas as ideias socialistas.

– Seja como for – disse-lhe, com energia – quero lá o busto. É possível que, mais tarde, mande fazer um de bronze, para não quebrar o conjunto, como tu dizes; entretanto, quero lá o que lá estava.

Mercedes obedecera-lhe, então. Mas, salvo aquele pormenor, o escritório e as outras divisões deixaram de ter qualquer semelhança com os do passado. Era como se ele subisse umas escadas que lhe eram familiares, transpusesse uma porta que era a sua e subitamente encontrasse, por detrás da porta, uma casa que não era a dele. A princípio, esse novo cenário, todo fofo e confortável, perturbava-o; em breve, porém, Soriano se adaptara, que nem por mudar de leito os rios deixam de correr. Dir-se-ia mesmo que, contra os antigos hábitos, os seus músculos, os seus próprios ossos consideravam preferível aquilo ao que existia antes.

Todas as noites, ao entrar no escritório, Soriano fazia os mesmos gestos. Começava por acender um charuto, a sua velha volúpia, o seu vício desde os tempos de penúria e que tantas ironias merecera aos adversários. Em seguida, sentava-se no novo *maple*, sob um verde quebra-luz. Logo estendia a mão para a mesita onde a criada, conhecendo os seus costumes, deixava os jornais da noite. Ele amava essa hora. Gostava de se meter no escritório, depois do jantar, gostava de ficar ali sozinho e de ler tranquilamente no silêncio da casa. Quando a mulher vivia ainda, esse silêncio mantinha-se sempre. Modesta, carinhosa, não existindo senão para ele, se era obrigada a aproximar-se do escritório, fazia-o nas pontas dos pés, tão leve e incorpórea que nem fantasma. Dir-se-ia que dava às próprias coisas a mesma prudente mudez dos seus cuidados. Mercedes causava mais ruído e obedecia-lhe menos; mas como saía, ultimamente, todas as noites, ele continuava a ter silêncio àquela hora.

Bem sentado e de pernas cruzadas, Soriano desdobrou o *Heraldo de Madrid*. Era o jornal que ele lia sempre primeiro.

Não porque lhe votasse consideração singular, mas porque inseria mais noticiário político do que os outros e se ocupava, frequentemente, dele.

Soriano havia levado o charuto à boca apenas duas vezes, quando aquilo lhe surgiu no meio de uma das colunas do periódico:

### MUDANÇA DE SECTOR

Constava, esta tarde, que Don Álvaro Soriano abandonará, em breve, o Partido Socialista, de que foi, durante muitos anos, como se sabe, um dos chefes, e dará, publicamente, a sua adesão ao Partido Nacional.

Soriano leu três vezes essas poucas linhas, que fechavam a secção política do jornal. O ar secara. As paredes, o tecto, alguma coisa oculta comera o ar. Um leve zumbido escoou-se algures. Soriano sentiu primeiro um calafrio e, depois, um mais prolongado malestar. No seu cérebro perpassaram as caras dos repórteres do *Heraldo de Madrid*, que ele conhecia. E, depois, outras figuras, membros do Partido Socialista, ultimamente em desacordo com ele, membros do Partido Nacional, que o lisonjeavam há algum tempo já. «Aquilo era prematuro e havia ali, sem dúvida alguma, um desejo velhaco de o comprometer imediatamente», pensou. O zumbido voltara a sair do seu cortiço e a golpear a atmosfera rarefeita. Por muito que evocasse o carácter e os interesses deste e daquele adversário, Soriano não conseguia identificar quem dera a notícia, a tantos políticos atribuía espírito de intriga suficiente para o fazer. «Era uma corja, uma canalha!» Subitamente, sobressaltou-se: «Aquilo era uma canalhada que lhe faziam, para o entregar a Ballesteros, sem condições. Com aquilo pretendiam tirar-lhe a possibilidade de ele se fazer valer. Ballesteros estava, sem

dúvida, por detrás dessa manobra. Mas enganava-se muito se pensava que ele se deixaria levar como um idiota!»

Soriano largou o *Heraldo* e pegou em *La Voz* e, depois, em *Informaciones*. Mas nenhum dos outros jornais se referia a ele.

Recostou-se mais na poltrona e cerrou as pálpebras. A imagem de Zornoza movia-se lenta e incomodamente dentro dos seus olhos, como um polvo dentro de um aquário. Ele queria expulsá-la, mas ela persistia. De longe ou de perto que o seu pensamento partisse, encontrava-a sempre. Era em volta dela que ele travava a sua batalha, esquecido do charuto e do tempo.

No silêncio da casa, Soriano ouviu, por fim, retinir o telefone e logo os passos da velha criada caminhando para o escritório.

– É Don Angel Hernández – preveniu Ramona.

Soriano hesitou um momento. Angel Hernández era, também, deputado, mas do Partido Nacional, e, no começo da República, devido à eleição de Ramón Franco na Andaluzia, os dois quase se haviam insultado no Parlamento. Só a intervenção de Miguel Maura, então ministro do Interior, evitara que houvessem pronunciado, um contra o outro, palavras irremediáveis.

– Pode ligar – decidiu Soriano. E agarrou no auscultador do aparelho, que estava na mesma mesita onde se encontravam os jornais.

Angel Hernández, com a sua voz forte, autoritária, felicitava-o:

– *Enhorabuena!* Vi a notícia do *Heraldo* e quero dar-lhe parabéns pela sua atitude. Já era tempo de um homem com o seu valor abandonar esse partido...

Situação inédita para ele, Soriano não encontrava facilmente o que lhe conviria dizer. Hesitante, limitava-se a pronunciar *muchas gracias, muchas gracias*, sem arriscar mais palavras. E só se sentiu senhor de si quando o outro abandonou

o telefone. Logo se voltou contra ele próprio: «Fui um imbecil! Devia ter dito que aquilo era prematuro.»

O charuto estava ainda no meio. O fumo subia, enrodava-se, formando um laço. Soriano levantou-se e começou a andar, vagorosamente, da janela até a porta, da porta até a janela. Desgostoso, considerou que principiavam a faltar-lhe qualidades de improvisação. Antigamente, teria encontrado logo o que lhe seria útil dizer a Angel Hernández.

Soriano continuou o seu vaivém, alheio ao movimento que as pernas faziam. De Angel Hernández ele tornejara para Ballesteros e, deste, para o Partido Socialista. Por fim, tornou a sentar-se. Na véspera, tinha deixado, sobre a mesa, *La Vida del Buscón*, que principiara a ler há dias.

Durante muito tempo, Soriano havia menosprezado os clássicos. Do seu forçado convívio com eles nos bancos escolares ficara-lhe uma sensação de mundo velho, monótono, que servia apenas para enfastiar a vida da mocidade. Ao próprio *Don Quixote* ele se lançava, desdenhoso: «Era um matorral espesso, onde andavam dois animais que não valia a pena seguir, porque um era louco e o outro era bruto.» Por causa desta frase, que, nesse tempo já longínquo, ele sentia volúpia em repetir, tivera até um pugilato com outro estudante, um navarro carlista, muito reaccionário, que lhe tinha respondido com uma expressão de desafio: «Animal és tu e, se a natureza for justa, ainda hei-de ver-te com quatro patas.» Depois desse episódio haviam decorrido muitos anos e Soriano, quando passara dos cinquenta, descobrira um súbito encanto nos clássicos. O que, outrora, lhe parecia enfadonha velhice na arte de dizer, ingenuidade na maneira de transmitir raciocínios e observações, surgia-lhe, agora, com um sabor novo, com a frescura de uma hora matinal, a luz de uma aurora precursora. Era toda uma experiência humana que falava, com profunda sagacidade, de dentro de remotos túmulos.

Apesar disso, Soriano lavrava, ainda, dúvidas. Com aquela antiga tendência para esquadrinhar os sinuosos movimentos do seu espírito, perguntava, muitas vezes, a si próprio, se os clássicos possuíam efectivamente esse interesse, sempre novo, que ele lhes encontrava agora, ou se, pelo contrário, era ele que estava velho. Nunca obtivera, porém, resposta tranquilizadora. E porque, ao repetir a pergunta, se sentia mal-disposto, acabara concluindo que havia uma idade em que se amava os clássicos, como havia uma idade em que se os detestava – e que a isso era alheia a vontade humana. Pepe Martinez tinha a mesma opinião: «Os clássicos caracterizam-se pela particularidade de andar sempre ao contrário das mulheres», dissera-lhe um dia. «Quando se é novo, eles são para os outros e elas são para nós; quando envelhecemos, eles vêm para nós e elas vão para os outros.» Soriano pensara em Anita Calonge e só com esforço sorria.

Agora, ele abria o livro e procurava a página em que havia interrompido, na véspera, a leitura. Começou a ler:

*«Pensará vuesa merced que siempre estuvimos en paz; pues quien ignora que dos amigos, como sean codiciosos, si están juntos se han de procurar engañar el uno al otro? Sucedió que el ama criaba gallinas en el corral; yo tenia gana de comer una; tenia doce o trece pollos grandecitos...»*

O telefone voltou a tocar e os passos da criada a soarem na casa. Desta vez era um velho, modesto socialista, que ele conhecia de há muito, mas a quem não via há bastante tempo já.

– Sim, sou eu, Soriano. Diga lá, Juan... Como tem passado?

O outro falava com voz humilde. Tratava-o por camarada, mas fazia-o com um tom respeitoso, como se o tratasse por Vossa Excelência.

– Vi a infâmia do *Heraldo* – declarou. – Aquela calúnia não pode passar assim! Venho dizer-lhe que estou ao seu dispor para o que for preciso. Apesar de eu ter só um braço, amanhã

vou à redacção e ao primeiro *granuja* que lá encontrar partou-lhe a cara. Fazer uma coisa daquelas ao camarada!

Como lhe sucedera há pouco, com Angel Hernández, também agora Soriano não sabia que responder.

– Não vale a pena... – balbuciou.

– Hem? Que diz *usted*?

– Digo que não vale a pena o Juan incomodar-se. Aquilo não tem importância...

– Não tem importância? Para mim tem e muita! Não consigo que ninguém o calunie...

Soriano não ignorava que Juan Cabanillas lhe era devotado desde a adolescência, por princípios ideológicos, e grato desde que ele, quando viera a República, lhe obtivera um lugar de contínuo, no Ministério das Comunicações. Mas, agora, essa gratidão molestava-o.

– Eu sei que o Juan é meu amigo. E sei que posso contar consigo. Mas que seja para uma coisa mais importante... Para isto não vale a pena...

Sentiu um grande alívio quando conseguiu apaziguar o outro e desligar o telefone. Voltou a pegar no livro, mas a atenção não se lhe prendia. Em vez da prosa de Quevedo, que estava em frente de seus olhos, ele via Juan Cabanillas, que não estava ali. Via-o à porta da repartição onde era empregado, a agarrar com a mão esquerda os cartões-de-visita, enquanto do ombro direito lhe descia uma manga vazia. Via-o, depois, na mocidade, quando tinha ainda os dois braços. Era uma tarde de domingo, nos arredores de Madrid. Densa multidão cobria o campo, ao fim do qual, com algumas estacas e algumas tábuas, se havia improvisado uma tribuna. Pablo Iglésias galvanizava nesse tempo, madrugada do século XX, as massas operárias e camponesas, prometendo-lhes um mundo mais feliz. Havia-se anunciado que ele falaria naquele comício e, para o ouvir, viera gente de todos os bairros madrilenos. Tão forte era o entusiasmo que a própria praça de touros ficara

quase deserta nesse domingo. Mas o tempo decorria e Iglésias não chegava. Em frente do estrado onde ele devia discursar, a grande mole humana começara a mover impaciências. Às seis da tarde soube-se, porém, que Pablo Iglésias tinha sido preso quando ia a sair de sua casa, a caminho dali. Fora então que ele, Soriano, decidira substituir o seu velho mestre. De um salto alcançara a tribuna. Jovem, simpático, voz e gestos ardentes, a mão alisando nervosamente, de quando em quando, a longa cabeleira romântica, em poucos minutos arrebatara a multidão inteira. As ovações raramente lhe permitiam terminar os seus períodos. O auditório compreendia o que ele desejava dizer, antes mesmo de ele o ter dito completamente. Os constantes aplausos incitavam-no cada vez mais. Ele desconhecia-se, nesses instantes, a si próprio, descobria-se a si próprio ao escutar a torrente de palavras que lhe brotava, iracunda, mas tocada de ideal, dos seus lábios rebeldes. Esse idealismo de que ele era, ocasionalmente, o intérprete instalara-se, mercê da acção de Pablo Iglésias, na alma de muitos dos deserdados de Espanha e repercutia-se ali com crescente veemência.

Perto da tribuna, alguns guardas-civis escutavam Soriano, impassíveis. Dir-se-iam sonolentos. Quando a multidão ululava, eles levantavam lentamente os olhos, com expressão de indolência, e logo tornavam a baixá-los, mais indolentemente ainda. A certa altura, porém, as últimas filas da assistência, lá na estrema do campo, começaram a voltar-se. Fora um movimento contagiante. Pouco a pouco, todos aqueles milhares de cabeças principiaram a olhar para trás, como impelidos por uma vaga em recuo.

Sem interromper as suas palavras de combate, Soriano estendera a vista, em busca do motivo que distraía a atenção dos ouvintes. E vira, então, ao fim do campo, um grupo de guardas-civis a cavalo, que avançava, correndo, de espada ao alto, reluzindo ao sol. De começo, alguns deles ladearam o

povo e pareciam cavalgar para longe, mui garbosos, com a durindana assim desembainhada, como se custodiassem um velho coche régio. Mas logo dois gritos de protesto cortaram o discurso de Soriano. E, depois, outros gritos, outros protestos. Os guardas-civis ordenavam: «Dispersar! Dispersar! Fora daqui!» – e a multidão obedecia. Os cavalos, esporeados muito embora, principiaram a hesitar no avanço e erguiam a cabeça, como se fossem empinar-se. «Dispersar! Dispersar!» – e, ao mesmo tempo, as espadas embravecidas iam golpeando à esquerda e à direita, brutalmente. Então, os guardas que se encontravam perto da tribuna rapidamente abandonaram a sua aparente indiferença e desataram também a sabrear com fúria, em apoio dos colegas. O sol horizontal enchia de mil fulgores vespertinos o campo em agitação, sob um céu tranquilamente azul. Os cavalos meteram, decididos, à enorme mancha humana e viu-se corpos tombarem e braços e pernas de homens agitarem-se entre as patas dos cavalos.

Soriano não se arredara da tribuna. Encarava, resoluto, os guardas-civis e incitava a multidão a resistir-lhes. A ideia da morte, que, então, lhe surgira, parecera-lhe uma ideia bela. Que importava a ele morrer se morresse por uma causa nobre?

Nem os cavalos que pisavam os homens, nem as espadas que abriam fontes de sangue, conseguiam formar clareira. Mal aqueles passavam, a multidão fechava-se de todos os lados, apostrofando. O campo estava cheio de gritos, de anátemas e de gestos coléricos; os cavalos dirigiam-se para a tribuna como se atravessassem ondas revoltas e da alma dos homens, da terra, das próprias coisas inermes, parecia exalar-se um ideal mais forte do que tudo o mais – um ideal para cuja consumação todos os presentes dariam o sangue e mesmo a vida.

Aos pés da tribuna encontravam-se Rafael Cabanillas e seu filho Juan. Cabanillas era um velho operário, que, como muitos outros, perdera grande parte da sua existência nas

masmorras do Estado, sacrificando-se, a si e à família, pelas ideias socialistas.

Quando os guardas-civis a cavalo se aproximavam do lugar onde ele estava, Cabanillas contemplara-os duramente e gritara-lhes, com desprezo: «Assassinos! Assassinos! Podeis matar-nos, que o socialismo há-de ser implantado em Espanha!» Os guardas iam de espada erguida, não para ele, mas para Soriano, que, de sobre a tribuna, cabelo ao vento e braços estendidos, continuava a excitar a multidão. A atitude de Cabanillas detivera-os, porém, um momento. O velho teimava em increpá-los e, dobrando-se, agarrara uma pedra, que arrojara sobre eles. Juan, seu filho, imitara-o. Os homens fardados esqueceram-se, então, de Soriano e, baixando as espadas, talharam, com frenesi. Houve um instante de surdos rumores, de gritos abafados que parecia saírem do próprio sangue, da própria carne rachada, e, depois, de toda a parte subiram gritos agudos. Cabanillas tombara logo, de crânio aberto. Ele abria e cerrava lentamente as pálpebras, de olhos voltados para o céu e com um pouco de terra na boca, quando um dos cavalos pôs uma pata em cima da sua cara e da sua gravata em forma de borboleta. A Juan, seu filho, amputaram-lhe, mais tarde, no hospital, um braço e pensaram-lhe outros ferimentos. E até alta noite, muitos homens, uns emudecidos para sempre, outros gemendo dos golpes recebidos, haviam sido transportados, pelas estradas dos arredores, para Madrid. As mulheres choravam à porta do hospital, enxugando as lágrimas com as costas das mãos, e muitas clamavam, desesperadamente, que nunca mais teriam quem sustentasse a elas e aos filhos.

Fora nessa tarde de sangue que alvorecera a popularidade dele, Soriano; fora desde então que o seu nome principiara a ligar-se ao de Pablo Iglésias, como uma liana que se abraça a uma árvore robusta. Preso, todos os dias recebia cartas e ofertas de outros socialistas que o louvavam pela coragem com que

se portara e pelo vigor que dera a esse comício de que, durante muitos dias, a Espanha inteira falara. A terra havia engolido vários mortos e centenas de feridos as enfermarias; ele vira, mais tarde, muitos outros homens morrerem levados pelas suas palavras de luta; mas nenhuma dessas mortes o impressionara tanto como a de Cabanillas, graças ao qual ele não recebera o golpe que a guarda civil lhe disparara. Durante aqueles dias de cativo, evocara, frequentemente, com agradecida ternura, o velho operário desaparecido e decidira interessar-se pela família dele logo que saísse dali. Juan, porém, antecipara-se e, uma tarde, aparecera-lhe em frente da cela, já com os modos respeitosos que havia de conservar sempre perante ele, no futuro. Fora essa a primeira vez que Soriano o vira com a manga inútil – aquela manga oca a adejar onde, semanas antes, havia um braço.

Soriano ficara comovido:

– Ainda hoje estive a pensar em si. Quando me lembro do que aconteceu e do seu pobre pai...

– O camarada não deve preocupar-se com isso – dissera Juan. – Todos nós temos de lutar pela nossa fé... Morre um, nascem muitos. – Calara-se um momento, porque se lhe velara a voz e, depois, acrescentara, indicando o braço mutilado: – Eu vinha justamente dizer-lhe que o camarada pode contar comigo para a vida e para a morte. Já disse o mesmo ao camarada Iglésias. Agora, assim maneta, pouco valho, é claro, mas, para tudo o que eu puder fazer, estou às ordens.

E, efectivamente, essa dedicação por ele tinha-se mantido sempre, durante a Monarquia, durante a ditadura de Primo de Rivera e mesmo durante a República, quando os socialistas atingiram o poder e alguns dos seus próprios correligionários começaram a detrá-lo.

Ansioso de libertar-se da imagem de Cabanillas, Soriano tentou, novamente, fixar a leitura de *La Vida del Buscón*:

«Con esto el Corregidor dió un salto arriba y dijo: A donde están? “Señor... no me detenga vuesa merced, que las ánimas de mi madre y hermanos se lo pagarán en oraciones, y el Rey acá...”»

As palavras fugiam-lhe, perdiam-se entre a multidão das palavras dele próprio, que transitavam tumultuariamente no seu cérebro. Repetiu: «Señor... no me detenga vuesa merced, que las ánimas...» Repetiu inutilmente, pois continuava a divagar sobre outra coisa. Era, agora, um sopro da sua infância, uma reminiscência já longínqua, quase tão esfumada como a superfície do lago sob a neblina naquela manhã em que ele o vira, depois de lhe terem dito o que acontecera ali há dois séculos. Soriano divagava contra o seu desejo: «Um lago abre-se quando um corpo cai sobre ele; a água ondula um instante e volta a fechar-se – volta à sua paz. Parece que tudo findou. Parece que o lago esteve sempre assim e que nele não ocorreu coisa alguma. As aves que passarem nesse momento verão a superfície sem uma ruga, adormecida sob a protecção da redoma celeste. Mas o cadáver que se encontra lá em baixo começa a corromper-se pouco depois de a paz ter voltado à flor da água. E, de quando em quando, enviará para cima as bolhas dos seus gases, que perturbarão a tranquilidade da superfície. O cadáver corrompe-se no fundo do lago como um produto sódico que se dissolve no fundo de um copo; e as suas emanções gasosas rompem verticalmente através da água, como o fumo rompe das chaminés dos navios para o céu. Um morto só está definitivamente morto quando se corrompeu de todo. E enquanto dura a corrupção, a calma do lago é apenas aparente.» Soriano lembrou-se de ter já empregado estas palavras no tribunal, em defesa de um tarado, que assaltara uma estação dos correios da Andaluzia. Fora muito antes da República; nesse tempo ele não havia notado ainda mudança alguma no seu espírito.

Soriano voltara a preocupar-se com a notícia do *Heraldo* quando a campainha soou, no fim do corredor. Quem tocava fazia-o com a decisão que têm as pessoas familiares e os credores enfurecidos. Ele pensou que poderia ser Pepe Martinez. Às vezes, surgia àquela hora, sem telefonar, sem prevenir. Teria lido aquilo e viria discutir com ele.

Soriano quedou-se a escutar, desejoso de que fosse, realmente, Pepe Martinez. Era um velho amigo. Nos derradeiros tempos discordava também dele, mas Soriano não conhecia ninguém mais compreensivo, mais apto a julgar, com clareza e tolerância, os actos de cada qual. Ele chamava-lhe, por isso, o «Ama da alma».

Soriano sentiu a porta da escada abrir-se e voltar a fechar-se depois de algumas breves palavras que a distância tornava ininteligíveis. «Não é ele», pensou, com desgosto, ao ouvir os passos isolados da criada.

Ramona entregou-lhe quatro telegramas. Soriano abriu-os lentamente. Três eram de políticos do Partido Nacional, que o felicitavam, como o fizera Angel Hernández, pouco antes, pelo telefone. O outro dizia:

«A mim nunca *Ud.* me enganou, porque há muito tempo eu não tinha confiança em si. Mas sempre quero declarar-lhe que *Ud.* é um traidor, é a vergonha do nosso partido e só merece o meu desprezo — *Alejandro de Hoyos* — Moreira 19.»

Soriano tornou a ler. Não encontrava na sua memória aquele nome. Ele preferiria que fosse um telegrama anónimo. Mas quem o enviava parecia querer marcar bem que tomava a responsabilidade do que dizia. Soriano tentou ainda diminuir aquilo: «Pode-se escrever o nome de uma rua e o número de uma casa sem se habitar lá.»

Levantou-se, rasgou o telegrama e lançou os pedaços ao cesto dos papéis. Hesitou um instante e rasgou também os

outros três. Mas a atitude de indiferença que pretendia tomar não se mantivera. Embora na casa o silêncio fosse absoluto, ele tinha um surdo ruído no cérebro, como se um enxame voasse dentro da sua cabeça.

Soriano pensou na irmã e consultou o relógio. Fatalmente a notícia do *Heraldo* tinha sido comentada em casa de Ramón Ballesteros. E, sem dúvida, Ballesteros, como chefe que era do Partido Nacional, teria dito à Mercedes alguma coisa sobre aquilo. Mas era cedo ainda para a irmã voltar.

Soriano, acendeu um novo charuto. Nas outras noites, só queimava um; nesta, porém, sentia necessidade de continuar a fumar.

## II

Quando Mercedes e Paco entraram em casa de Ramón Ballesteros já lá se encontravam muitas visitas. Era quarta-feira – e Milagros, mulher do chefe do Partido Nacional, recebia nesse dia as suas amigas e os correligionários do marido.

Nesse tempo, em que desfraldavam seus balsões a Terceira República Francesa e a Segunda Espanhola, uma reunião, em Paris, de famílias que se prezassem e quisessem causar inveja a outras, quando lessem o *Figaro*, exigia sempre a presença de um académico, mesmo que fosse surdo, a de um ministro que soubesse discutir sobre as ideias de Anatole France e, ainda, a de um aristocrata veladamente arruinado, desses a quem os criados dos cafés teimam em chamar apenas *Monsieur*, por muito que ele, com um modesto ar de indiferença, expusesse, sobre o mármore da mesa, a sua mão brasonada. Em Madrid, o académico era substituído por um general no activo e em vez de um só fidalgo devia haver quatro ou cinco e outros tantos padres.

Nas reuniões de Milagros, esses números eram, porém, sempre ultrapassados, como se podia facilmente verificar nas notas de sociedade que o *ABC* publicava.

A República e a Monarquia em Espanha representavam para os eclesiásticos o que o Verão e o Inverno representam para as formigas. Durante os períodos republicanos eles

pregavam menos sermões e diziam menos missas, mas, por outras bandas, trabalhavam sem descanso, estavam discretamente em toda a parte e só quando a Monarquia voltava repousavam de suas canseiras e engordavam em boa paz. No mundo dos aristocratas sucedia quase a mesma coisa, com a diferença de que estes gostavam de falar alto de política, de protestar em bom som contra a reforma agrária, misturando-a com a recordação de *tientas* e de *juergas* nas ganadarias da Andaluzia.

Milagros, apesar das declarações que o marido fazia incessantemente, minguaava também de amor pela República, que lhe parecia mal-educada, demasiado livre e primária em comparação com os modos e esplendores da Monarquia. Mas considerava que Deus escrevia direito por linhas tortas e havia males que acabavam em bem, tanto assim que no tempo do rei, quando Ballesteros não era ainda chefe de partido, na sua casa não se via nenhuma alta patente do exército nem título nobiliárquico algum. Agora, pelo contrário, se, durante as suas recepções, ela se acercava de uma das janelas, podia sentir-se orgulhosa, pois nessas noites de quartas-feiras nenhum outro palacete de Rosales juntava tantos automóveis à sua porta.

Dentro, o salão fulgurava com jóias e condecorações dos grandes de Espanha, cuja fidalguia remontava ao tempo de Isabel, *a Católica*, dos Cruzados ou mais longe ainda; de fardas reluzentes e de lindas mulheres, dessas que importavam vestidos de Paris e que, se numa tarde tauromáquica, se dignavam lançar uma flor ao toureiro, tornavam para este a própria morte, nos chifres do touro, coisa digna de ser sofrida.

Naquela noite, o salão apresentava-se ainda mais esplendente e povoado do que nas quartas-feiras anteriores; e, ao entrar, Mercedes notou que quase todos os presentes olhavam para ela e para o sobrinho de maneira diferente do que costumavam fazê-lo, tendo mesmo alguns deles ido ao seu encontro

com uma pressa que não mostravam de outras vezes. A própria Milagros, ao apertar-lhe a mão, em lugar de lhe perguntar pela saúde, dissera-lhe, com entusiasmo:

– Parabéns! Parabéns!

Em breve, Mercedes e Paco viram-se rodeados por solenes figuras do Partido Nacional. Logo se aproximaram também alguns brilhantes uniformes, várias casacas de bom garbo e uma modesta batina, ambições que cortejavam, nesses inquietos dias, o chefe do agrupamento político que, embora se proclamasse republicano, lhes parecia mais apto a garantir-lhes a existência e o futuro – enquanto não voltava a Monarquia. Todos eles se referiam à notícia do *Heraldo*, comentando-a, interessados como andavam nos êxitos do Partido Nacional, sobretudo desde que este se lançara em veemente campanha contra os socialistas, acusando-os de arruinares a Espanha.

– É sempre tempo de arrepiarmos caminho! – sentenciou o governador civil de Córdova, que era correligionário de Ballesteros e estava de passagem em Madrid. – É sempre tempo de emendarmos os nossos erros!

– E quando é que ele adere definitivamente? – perguntou o marquês de Cerro Pardo, um homem alto, cinquentão, com grandes olhos raiados de sangue e longos bigodes retorcidos para cima, como pontas de ferro forjado.

Mercedes fez um gesto vago.

O marquês, que amava as atitudes decididas e por isso mesmo admirara Guilherme II da Alemanha, em homenagem ao qual lhe copiara o ornato labial, insistiu, com um tom que parecia repreendê-la:

– Ah, não sabe ainda?

Mercedes não respondeu. Mas o padre Balmes, seu confessor na Igreja de Cristo de la Salud, pareceu querer defendê-la:

– Nenhum de nós ignora, minha filha, quanto devemos à sua devoção pelos bons princípios – disse, com voz doce.

Don Álvaro Soriano, advogado, viúvo e respeitado deputado socialista, deixa-se contaminar, a pouco e pouco, pelo conforto e pelos prazeres da vida que o dinheiro e o prestígio trazem. À volta dele, os conservadores, a gente rica, procuram seduzi-lo, convencendo-o a abraçar a sua causa. Essa mesma divisão parece instalada no seio familiar: Enrique, um dos filhos de Soriano, educado segundo os ideais socialistas, exige-lhe que permaneça fiel ao seu passado de revolucionário, enquanto Paco, o filho mais novo, admirador de Primo de Rivera, ideólogo do fascismo espanhol, pressiona-o a mudar para o Partido Nacionalista. Dilacerado pela dúvida, pelo desencanto com a velhice e pela escolha entre duas visões contrastantes da sua própria vida, Soriano terá de tomar uma decisão...

Romance cuja acção se desenrola em Espanha, numa sociedade profundamente dividida e traumatizada pela Guerra Civil, *A Curva da Estrada* permanece uma das obras mais intemporais de Ferreira de Castro. Ancorado na moral e na psicologia humana, foi originalmente publicado em 1950, no auge da carreira de Ferreira de Castro, escritor consagrado quer em Portugal quer no estrangeiro, onde vê as edições das suas obras multiplicarem-se.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

f [cavalodeferro](#)  
@ [penguinlivros](#)

ISBN 9789897879982



9 789897 879982 >